SAUDAÇÃO A RUBENS DE AZEVEDO

Guarino Alves

Escrevi, numa crônica, que em outro tempo, quatro coisas podiam orientar de vista ou auricularmente no deserto: fumaça, machado, pilão e bigorna. Fumaceiro no horizonte, pancadas rítmicas, eis o prenúncio de lugar habitado, na quase certeza de um próximo pouso.

Nós, escritores, saímos a buscar a Glória literária, dama esquiva, dir-se-ia inatingível, seguindo-lhe o vulto distante, à maneira de homens perdidos na planície e escutando o retinir do machado, o ruído sentimental do pilão, ansiosos por encontrá-la e possuí-la definitivamente.

Mas, ninguém alcança aquele pouso, prêmio de muitas canseiras, sem primeiro passar pela mão de gral, depois de triturado e homogeneizado nas suas substâncias intrínsecas, e eu diria, nessa figura, a própria personalidade.

Artífices de nossas obras, sofridos, e, às vezes, vilipendiados, porquanto todo escritor em ascensão possui a sua *via crucis,* todavia a experiência nos ensina a melhor maneira de como encarar a calúnia de dedo em riste, o elogio dúbio, o escárnio da inveja estampada em pálidos sorrisos, o subterfúgio, a maldade aparentemente cândida e o cuspo da cólera mal contida.

Li, certa feita, em um artigo do deputado Antônio Teixeira, este interessante e oportuno tópico:

"Só vencem na vida os homens apaixonados por um ideal ou plano de ação, e que sabem conduzir os seus impulsos e os seus sentimentos como o cavaleiro que domina

os corcéis bravios. Só não vencem na vida os tipos amorfos, abúlicos, indiferentes, aqueles que não sendo capazes de cometer erros também não são capazes de praticar o bem. Nada mais inimigo da perfeição do que a mediocridade."

Antônio Teixeira resumiu, como que por coincidência, o meu modo de interpretar o Homem e a sua ambiência, no sentido sociológico. E eu perguntaria aos "medalhões" da literatura brasileira: quem, afinal, está isento de erros?

Em Letras, e mesmo nas Ciências, todos começamos de baixo, aprendendo, "limando" a pena, segundo a expressão de Luís da Câmara Cascudo. Só a experiência, através de longas caminhadas em busca da Glória, tem o dom de corrigir nossos "disparates" literários, pulantes, ásperos, desajeitados, no processo inicial.

Além disso, convém relembrar, aqui, a inconveniente, e até mesmo perigosa "gestação" de erros gráficos, quer na imprensa cotidiana, quer nos livros de todos os matizes, literários ou científicos.

Os chamados "gatos" ou lapsos de tipógrafos foram o desespero de Euclídes da Cunha, e tê-lo-iam sido para Machado de Assís e José de Alencar não menos exigentes quanto à pureza do idioma e a maneira correta no uso da pontuação.

Em verdade, vivemos à pressa, trabalhamos à pressa, as horas são curtas e o salário não compensa qualquer esforço em prol de um bom acabamento gráfico.

De minha parte, posso dizer que nunca publiquei um só artigo, um só livro, sem tais deslizes que, de uma maneira ou de outra, acidentais ou propositais que os sejam, podem levar o autor ao ridículo.

E dentre os mais recentes, eu os ressaltaria no meu pequeno ensaio *Elogio de Isabel, a Rainha Católica*, inserto na revista TEMPO UNIVERSITÁRIO, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, dedicado ao meu ilustre amigo Don Eulálio, Hervás Lafuente, Vice-Consul de Espanha no Ceará. Nele se repete, abusivamente, o termo "Castelha", ao invés de "Castela".

Demais a mais, hoje já existe uma literatura de "gatos", bastante divertida e desopilante, como é o caso da pesquisa feita pelo nosso ilustre consócio dr. Itamar Espíndola, publicada na revista do Instituto do Ceará, sob a epígrafe: *Cochilos de Imprensa e Revisão.*

Acerca desses "inimigos" gratuitos do jornalista e do escritor não vem ao caso, porém, acentuar os mais escabrosos, implicando nomes de pessoas e intenções pornográficas. Exemplo ilustrativo: aquele de um artigo publicado pelo Prof. José Denizard Macedo de Alcântara, sobre Getúlio Vargas, não na *Gazeta de Notícias,* como assinala Itamar Espíndola, mas no meu periódico *O Debate,* fundado nesta Capital, no ano de 1948.

Afinal de contas, quanto mais se modernizam as máquinas impressoras e os métodos de linotipagem, maior é a floração dos "gatos", em que pese o esforço dos revisores para saná-los.

E isso pode significar que a esta latitude de nossa vida, quando já vão longe aqueles "disparates" literários da mocidade, ainda caminhamos sob um clima de insegurança, temerosos de cair, vez por outra, nas artimanhas do inimigo comum.

Esse inimigo inevitável cuja ocorrência, di-lo o dr. Itamar Espíndola, *é fruto da falha humana, embora muitos casos resultem da maldade de alguns ou do senso de humor de inteligências privilegiadas.*

Há vinte e um anos, por exemplo, eu pedia ao dr. Florival Seraine, nosso ilustrado lingüísta, algumas palavras de apresentação para o meu livro inédito *Janela para o Nordeste,* e, porque ele alegara falta de tempo, eu mesmo as escrevi, em seu nome, apresentando-me ao leitor como versado em letras neolatinas e química industrial agrícola. Mas, o fato é que, não obstante os meus conhecimentos de química orgânica, conseqüentes de lições ministradas pelo dr. Ariosto Moreno, além de estudos no terreno das letras com implicações na sociologia, na geografia e nos idiomas italiano e espanhol, sucederam muitos erros gráficos depois de concluída a obra na Imprensa Universitária. E, dentre os lapsos, um se destacou, para o gáudio de críticos inoperantes: ao invés de se imprimir a locução — *versado em letras neolatinas e química industrial agrícola,* saiu assim: *e químico industrial agrícola.*

Dessarte, do sorriso à socapa, passaram a me chamar os "pavões dourados" pelo título de doutor.

Janela para o Nordeste é livro hoje superado. Mas, àquela época, foi citado pelo Prof. José Denizard Macedo de Alcântara, no seu *Roteiro econômico da geografia cearense,* e também no livro do Prof. Manoel Correia de Andrade, de Pernambuco, *Paisagem e problemas do Brasil.* Por sua vez, o Gen.

Nelson Werneck Sodré, autor de uma *História da Literatura Brasileira,* teceu longo comentário na imprensa carioca. E tal elogio, não obstante a grande distância que me separa da filosofia política de Sodré, levou alguns míopes a vislumbrar em mim um oculto marxista. No íntimo, talvez inveja, porquanto na *Bibliografia Anotada* de Luís da Câmara Cascudo, e este, por sinal, antigo adepto da doutrina política de Plínio Salgado, se inserem louvações de Werneck ao supra escritor.

Enfim, o *lapsus* gráfico, troca de *química* por *químico,* não me parece menos cômico em face de outro verificado no meu ensaio em espanhol, *Vicente Yáñez Pinzon y Brasil.* Refiro-me ao subtítulo: *El rio Marañon y sus misterios,* impresso deste modo: *El río Marañón y sus ministerios.* É o caso do Dr. Th. Pompeu Sobrinho. Ele escreveu: *aguada de S. Maria,* mas o linotipista "assassinando" o belo índice elaborado pela Profª Maria da Conceição Souza, página 301 *da Proto-história Cearense,* linotipou: *Aguardente Santa Maria.*

Honra-me, pois, sobremaneira, ignorar o talento crítico do primata que me promoveu a químico industrial agrícola.

Mas, ainda dizia o jornalista Antônio Teixeira, na sua crônica inspiradora:

"A grandeza do marinheiro não é medida e avaliada na tranqüilidade do seu lar, mas em pleno mar, quando são mais fortes e revoltas as ondas e as tempestades. As águias, quando avistam ao longe o furacão, precipitam-se ao seu encontro, num desafio de asas pandas para mostrar que são superiores à rebeldia dos ventos e ao turbilhão das tormentas."

A este tópico do jornalista cearense eu agregaria: são como que as procelas do escritor autêntico e másculo, que abre caminhos, galga montanhas, tudo por esforço próprio, e, embora vítima indefensa da mediocridade de uns e da inveja de outros, alenta-o a realidade de que entre os seixos rolados, na grande Praia da Vida, conseguiu sobressair-se. Que importa, pois, a opinião dos caranguejos? Se o salpicam de lama, significa que é limpo; ninguém suja o que é sujo.

Meus senhores, a nave que me vem transportando desde o porto de Nascimento para o da Morte já venceu sessenta anos de borrascas. Contudo, permaneço firme ao timão. Da cidade do Natal fui trazido para estas plagas alencarinas porque devia realizar-se um reencontro com o passado histórico. Sinto-me, portanto, satisfeito em dizer-vos que me corre nas veias o sangue generoso de antepassados cearenses. Neto materno da ceará-mirinense dona *Ursulina Liberali-*

na Furtado de Meneses, filha legítima do Tenente-Coronel José Furtado de Mendonça e Meneses, natural de Riacho do Sangue, cujo progenitor, o português Antônio Furtado de Mendonça e Meneses, fundara no Vale do Ceará-Mirim, no Rio Grande do Norte, o engenho-de-açúcar *União,* sinto que, dessa circunstância hereditária, procedem, em parte, as credenciais que me habilitam a falar, nesta tribuna, com a mesma energia e espírito de legítimo cearense.

A Casa do Barão de Studart, sabiamente dirigida pelo Exmº Sr. Gen. Dr. Carlos Studart Filho, recebe, hoje, em seu seio, um novo sócio, Professor Rubens de Azevedo, nascido aos 30 de outubro de 1921, filho do notável poeta, pintor e acadêmico Otacílio de Azevedo, de saudosa memória, e de Dona Teresa Almeida de Azevedo.

Seu ingresso, em nossas fileiras, corresponde ao seu próprio valor cultural: professor, jornalista, aquarelista, escritor e astrônomo. Iniciou-se no Magistério após licenciar-se em Geografia e História pela Faculdade Católica de Filosofia do Ceará em 1951, tendo feito cursos de Extensão e Aperfeiçoamento na citada Faculdade, e, também, em outras universidades, de S. Paulo e Rio Grande do Norte.

Foi professor da FAFICE, quando do ano de sua formatura, no curso para Vestibular; do Colégio Ruy Barbosa; do Instituto Waldemar Falcão; do Colégio Estadual "Prof. Gabriel Ortiz"; da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba, orientador de Geografia e História no SENAC, e Diretor da Escola SEBAC de Ribeirão Preto, tudo em S. Paulo.

Lecionou, ainda, no Colégio 7 de Setembro e na Fundação José Augusto da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Foi professor do Colégio Lins de Vasconcelos, de João Pessoa, e também titular da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Patos, na Paraíba, como, igualmente, na Universidade de Fortaleza (UNIFOR), compreendendo as disciplinas: história econômica, política e social geral, geografia física e geografia humana. Presentemente, ensina geografia astronômica, cosmografia e paleontologia na Universidade Estadual do Ceará, aliás, desde 1974, e coordena o Curso de Licenciatura Plena em Geografia.

Na qualidade de escritor, Rubens de Azevedo se define na História, na Geografia e na Astronomia. Seu, por exemplo, é *A Bandeira Nacional* — Sua origem, suas cores, seu culto, já em terceira edição, com selos da Federação das Indústrias de S. Paulo, do Instituto do Desenvolvimento da Paraíba e

da Prefeitura Municipal de Fortaleza. Além disso, ele surge genealogista, com o *Árvore Genealógica da Família Moreira a partir de 1789,* que lhe proporcionou seu ingresso como sócio-correspondente no Instituto de Genealogia e Heráldico da Paraíba. Rubens tem em preparo: *Lenda feita de Pedra,* arqueologia, *A Bandeira Nacional,* reformulação das ilustrações, e *Dicionário cearense de artes plásticas.*

Por outro lado, Rubens de Azevedo distingue-se por uma atividade robusta, plena de êxito, mantendo coluna sobre astronomia e mitologia no jornal *O Estado,* de Fortaleza, 1942, e nos anos 50 ocupou uma página do jornal *Diário de S. Paulo,* abordando temas de astronomia e arqueologia. Não só colaborou, ainda, no *Diário do Povo,* 1940, mas também em todos os órgãos dos "Diários Associados", de 1950 a 1960.

Como desenhista e aquarelista deu sua cooperação ao Instituto Brasil-Estados Unidos e também ao Instituto Christus. Fundou e secretariou, inclusive, a Sociedade Cearense de Artes Plásticas, fazendo exposições de pinturas em Fortaleza. Foi Chefe do Departamento de Arte e Cultura da EMCETUR, orientando a GARDEM ou Galeria de Arte, Museu de Artes e Cultura Populares e Teatro de Bolso. Recentemente, foi nomeado Diretor da Casa de Cultura Raimundo Cela. Enfim, saliente-se, aqui, a exposição de pinturas por ele organizada na *Four Planets Gallery,* de Nova York.

Bem longa é a folha de serviço de Rubens de Azevedo, mais própria a uma biografia. Como astrônomo amador, ápice das suas realizações literárias e científicas, ele aparece como fundador da Sociedade Brasileira dos Amigos da Astronomia, em 1947, a primeira do país, da qual é Presidente. Em S. Paulo, fundara a Sociedade Interplanetária Brasileira e também a Sociedade Brasileira de Selenografia.

Releve-se a sua atividade no Planetário de S. Paulo e no Observatório Capricórnio. Fez várias observações de eclipses e ocultações no Capricórnio, no Observatório da Escola Municipal de Astrofísica de S. Paulo e no Observatório Nacional do Rio de Janeiro.

Cursos e conferências foram realizados em S. Paulo, sob o patrocínio da Secretaria de Cultura. Em Campinas, Sorocaba, Ribeirão Preto e S. José dos Campos ele prestou serviços de astrônomo, prolongando-os, mesmo, até São Carlos e Santos. Mas não é só isto. Rubens instalou e dirigiu durante seis anos o Observatório Astronômico da Paraíba.

Deixa-me perplexo a energia realizadora de Rubens, ora ensinando astronomia em Natal, onde é membro da Associação Norte-rio-grandense de Astronomia, e na qual ele realizou o IV Congresso de Astronomia, ora pondo em ação, em Fortaleza, anos 1947-48, duas Exposições, a propósito dessa ciência. É do Professor Rubens de Azevedo o projeto de instalação de um Planetário e Observatório nesta Capital, e mantém, como Diretor, um Boletim, *ZODIACO,* de informação astronômica, desde 1947.

Ponto significativo foi a sua descoberta de um acidente lunar, denominado *Vale de Grimaldi,* preferindo Rubens, entretanto, chamá-lo de *Val Brasiliensis.* O vale está junto à cratera de Grimaldi, observação confirmada depois por vários observatórios, dentre os quais o Capricórnio, de S. Paulo, e o de *Paso Hondo* no Chile. Segundo Rubens, trata-se de depressão alongada, provavelmente recoberta de material fluorescente, melhor notado durante eclipses totais ou penumbrais da lua. Também ele descobriu um brilho nas paredes de cratera de Aristarchus, e confirmado pelos astronautas Armstrong e Collins, conforme telegrama enviado ao Observatório da Paraíba.

Lamentavelmente, não estou à altura de tecer comentário sobre a ciência da constituição dos astros e seus movimentos, visando a dar brilho, embora de ouropel, a esta parte do discurso. Mas, foi por meio do telescópio de Rubens que tive o ensejo de observar, pela primeira vez, em 1979, o misterioso mundo da astronomia, acompanhando os movimentos dos satélites de Júpiter e Saturno. Naquela ocasião compenetrei-me, mais ainda, na existência de Deus.

A Astronomia vem adquirindo maior grau de perfeição à custa das naves espaciais. E, por outro lado, causaria o riso qualquer comparação entre os conhecimentos científicos atuais e os de antanho, notadamente quanto à sabedoria cosmográfica de velhos nautas do século dezesseis. Bastaria lembrar, aqui, como exemplo ilustrativo, o espanhol Rodrigo Zamorano, natural de Medina de Ríoseco, nascido em 1542 e falecido em 1620. Segundo os documentos oficiais da época, o tal Rodrigo, ex-Professor universitário, em Matemática, e também Piloto-Maior da *Casa de la Contratación de Sevilla,* tido e havido como homem de extraordinário tino, vazado na experiência, chegou a publicar uma *Cosmografia: Compêndio del arte de navegar,* traduzido, aliás, para o inglês, e também uma *Cronologia y Repertório de la Razón de los tiem-*

pos, e traduziu para o espanhol os seis primeiros livros da *Geometria* de Euclídes.

Para Picatoste, conforme se observa na obra de José Toribo Medina, *Biblioteca Hispano-Americana,* tomo I, página 442, Rodrigo foi um astrônomo teórico e bom observador. Entretanto, na sua citada *Cronologia,* publicada em Sevilha, 1621, por Francisco de Leyva, notadamente no Livro I, em que se trata da *figura de la máquina del mundo y sus partes,* Rodrigo situa a Terra consoante o dogma geocêntrico ptolomaico e, assim, ele parece demonstrar que ignorava a obra máxima de Nicolau Copérnico, *De Revolutionibus Orbium Coelestium.*

Para Rodrigo, tudo tinha a sua explicação em dez círculos concêntricos, chamados *céu.* No primeiro, está a *Lua,* dando sua volta em 27 dias, 7 horas, 43 minutos e 7 segundos. Conforme o autor, ela se denomina também "Olho do Céu", um planeta (*sic*), feminino e noturno, candeia do mundo e que mais se parece com o Sol por causa da sua beleza.

No segundo círculo surge *Mercúrio,* que tem de Marte e do Sol a cólera negra e de Saturno a melancolia. Mercúrio preside o Comércio.

No terceiro céu está *Venus,* dando volta em 375 dias e 55 minutos. Este planeta propaga e conserva todas as coisas, desperta virtude generativa.

No quarto brilha o *Sol,* luz e candeia do mundo. Por ele se fazem cometas e mananciais d'água, movem-se os ventos, nascem nuvens e chuvas. Sua volta é de 365 dias, 5 horas e 55 minutos.

Segue-se *Marte,* no quinto círculo. É vermelho e, às vezes, tão grande como Júpiter, dando sua volta em 686 dias, 22 horas e 24 minutos. Planeta masculino, tem má influência, é o Deus da Guerra.

Júpiter, sexto céu, tem sua volta em 12 anos escassos, planeta quente e úmido, a tudo ajuda.

No sétimo está *Saturno,* frio e seco, semelhante à melancolia, e causa de que morram homens e animais e de que haja neves e frios excessivos. Sua volta é de 29 anos e meio.

No oitavo céu o *Firmamento,* e se chama assim *porque en él las estrellas están fijas.*

Para Rodrigo há ali seis grupos de estrelas e quarenta e oito constelações setentrionais, meridionais e centrais. Por outro lado, supõe o autor que o movimento de *trepidación*

deste céu promove a variação da declinação do Sol e a separação dos trópicos de Câncer e Capricórnio. No ponto médio deste último corre a Elíptica, com os signos indicando as influências que podem exercer sobre pessoas e cidades.

Vem em seguida o céu *Cristalino,* impossível de ser alcançado pelos sentidos. Ele move o céu das estrelas.

O décimo céu, primeiro movimento ou *primum mobile,* movimenta todo o Universo: *de las horas, de la salida y puesta del Sol, la Luna y de todas las estrellas del día artificial y del natural, de la noche, de las estaciones. En él están los polos y los doce signos del Zodiaco.*

Mas, a parte interessante das especulações de Rodrigo diz respeito ao estudo interpretativo dos quatro elementos, Fogo, Ar, Água e Terra. Por exemplo: o fogo, puro, não engendra coisa alguma, salvo a alguns cometas. O *ar* se constitui de três partes: na mais alta, perto do fogo, se fazem as estrelas, alguns cometas e meteoros; na segunda, quase em igual distância da *água* e do *fogo,* se formam as neves, chuvas, raios, granitos e relâmpagos. É fria e seca; na terceira habitam os homens, animais e plantas.

Arrodeando todos os círculos aqui já mencionados, está o *Cielo Empíreo,* sem estrelas e sem movimento, habitação de Deus e dos santos.

Não obstante o empirismo das idéias de Rodrigo, de grande importância e aceitação universal foi o seu *Compendio del arte de navegar,* adotado em todas as escolas do país.

Grande, imensa a distância que nos separa, hoje, das elucubrações fantásticas daqueles cosmógrafos-astrólogos do século XVI, abeirando-nos agora de novas descobertas, mormente em termos de evolução das estrelas, de "buracos negros", de galáxias e nebulosas de um universo em expansão, sem princípio nem fim.

E é por isso que me admiro ante o talento de um estudioso como Rubens de Azevedo, um dos muitos colaboradores do "Programa Apolo" da NASA ou Administração de Aeronáutica e Espaço dos Estados Unidos, no grau de *standard observer.*

Acerca de livros publicados, como o *Dezenho sem mestre,* S. Paulo, com cinco edições e 10.000 exemplares, citem-se: *Uma viagem sideral,* Fortaleza, 1948; *Selene, a lua ao alcance de todos,* S. Paulo, 1959; *Lua, degrau para o Infinito,* 1962; *Na era da astronáutica; No Mundo da Estelândia; Atlas Geográfico Melhoramentos; Novo Dicionário Brasileiro*

Melhoramentos. Destes livros, alguns foram editados por empresas de especial importância, como a Editora Brasil S/A, etc. Note-se que as obras: *Na era da Astronáutica* e *No Mundo da Estelândia* já estão, respectivamente, em oitava e quarta edições. A última foi patrocinada pelo Ministério de Educação e Cultura e pelo Instituto Nacional do Livro.

Rubens colaborou na "Revista da Escola de Minas", tem, inédito, *O Homem descobre o Mundo,* e publicou: *Astronomia e evolução social,* edição própria, como também conserva em seus arquivos teses e conferências lidas em Simpósios, como, por exemplo: *I Simpósio Internacional de Astronáutica,* S. Paulo, e *Importância da Astronomia na formação científica e cultural,* Fortaleza.

Senhores consócios do Instituto do Ceará, eis, portanto, o perfil do Professor Rubens de Azevedo, homem modesto, mas orgulhoso de suas vitórias conquistadas a duras penas. É Comendador da *Ordem Alberto Maranhão,* com medalha de ouro do governo do Estado do Rio Grande do Norte e da *Ordem da Solidariedade,* de S. Paulo. Possui diploma de *Honra ao Mérito* por serviços prestados à cultura paraibana, originária do Conselho Estadual de Cultura da Paraíba, e também a medalha comemorativa da inauguração da estátua de Gustavo Barroso.

É sócio honorário da Sociedade Brasileira dos Amigos da Astronomia, do Centro de Estudos Astronômicos de Cambuquira, Minas Gerais, e do Observatório Flamarion, de Matias Barbosa, em Minas, e sócio efetivo da Sociedade Cearense de Geografia e História.

Sr. Presidente:

Há, em livros da Igreja, dois aforismos de notável inspiração divina. O primeiro diz: "O que observa o vento não semeia, e o que considera as nuvens nunca segará". O derradeiro diz: "Faze com presteza tudo quanto pode fazer a tua mão, porque na sepultura para onde te precipitas, não haverá nem obra, nem razão, nem sabedoria, nem ciência." E eu digo: quem trabalha, colhe; e quem trabalha com perfeição conquista a imortalidade.

Rubens de Azevedo é exemplo sintomático na sua força criadora sem medir sacrifícios. Ele difere um tanto de nós outros pelo aspecto e natureza da sua especialidade científica, porém, de qualquer forma, trata-se de pedra preciosa

que se agrega ao colar deste Instituto, nobre Sodalício onde cultuamos com maior afinco e prioridade a História, a Geografia e a Antropologia.

Saudando-o, congratulo-me também com a sua excelentíssima esposa, Escritora dona Jandira Carvalho de Azevedo, com votos por que continuem o trajeto de suas aspirações maiores.

Era o que tinha a dizer, Sr. Presidente.